

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

DANÇAS DE FANFARRAS, UMA LEITURA CRÍTICA

Erika Kraychete Alves (orientanda) - erikalves96@gmail.com

Dança/Unespar/Campus Curitiba II
(PIC, PIBIC/Fundação Araucária)

Joubert de Albuquerque Arrais (Orientador) - joubertarraais@gmail.com

Dança/Unespar/Campus Curitiba II
fap@unespar.edu.br

RESUMO

Nas manifestações culturais nomeadas de Bandas de Fanfarra, constatamos a presença da Dança apenas como estilo ou modalidade, atrelado ao entendimento de expressão corporal motor da Educação Física. Nele há um tratamento equivocado da Dança como prática artística que a obscurece. Problematicamos essa presença no fazer do *pesquisador-artífice* (ARRAIS, 2013a) e através de uma leitura crítica *coimplificada* (ARRAIS, 2013b) e *indisciplinar* (GREINER, 2005) que desestabilize um entendimento engessado sobre o corpo que dança com os elementos “baliza” e “corpo coreográfico”, vinculados, ideologicamente, ao sentido patriótico dos desfiles em espaços urbanos e também aos concursos competitivos em espaços escolares. A partir de evidências comunicacionais, a leitura crítica parte ainda da Teoria Corpomídia (KATZ & GREINER, 2005), possibilitando mostrar que, no contato com uma informação massificada (internet), o caráter de adestramento mantém-se forte e pouco consegue desestabilizar o corpo militarizado que desfila e que compete, obscurecendo a potência artística das Fanfarras. Assim, outros modos de dançar nas Fanfarras, como “Danças de Fanfarras”, podem ser pensados se tratarmos que *toda coreografia é social* (KATZ, 2009)?

Palavra-Chave: Bandas de fanfarras. Danças de fanfarras. Leitura crítica.

CONTEXTO:

Nossa leitura crítica pretende desestabilizar esse entendimento de Dança como estilo ou modalidade nas Bandas de Fanfarras, que só dificulta o diálogo com a área com a qual essa definição se filia apenas, a Educação Física.

O que cabe é desestabilizar os lugares-comuns que colocam a dança como a arte do sentir bem ou aquilo que todos fazem naturalmente, desde que nascem, porque desconsideram a especificidade do fazer da dança enquanto arte, linguagem e conhecimento. (ARRAIS: 2013a, p.63)

As Bandas de Fanfarras ou Bandas e Fanfarras, e ainda como Bandas Marciais ou Grupos de Fanfarras, mobilizam o ambiente de escolas públicas, através de competições municipais, estaduais e nacionais. Uma banda marcial (em inglês: *marching band*) é um grupo de músicos instrumentais que

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

geralmente apresentam-se ao ar livre, geralmente com algum tipo de marcha - à sua apresentação. São tratadas como um estilo de dança, definido como uma expressão de música e pelos movimentos corporais, de caráter espetacular, dado pelas bandas e fanfarras (LIVRAMENTO, 2013). A baliza e o corpo coreográfico são elementos estruturantes com os quais a Dança se evidencia, junto com os instrumentos musicais.

Inicialmente, partimos do Campeonato Nacional de Bandas e Fanfarras, organizado pela Confederação Nacional de Bandas e Fanfarras (CNBF), e que se articula com o do Campeonato Estadual de Bandas e Fanfarras do Paraná, promovido pela Federação Paranaense de Fanfarras e Bandas (F.P.F.B). Do ambiente escolar, marcado pela competição entre grupos, dialogamos com a cultura midiática da música pop, dando à leitura crítica outro modo de se organizar, coerente com a contemporaneidade do assunto dessa pesquisa.

Para isso, estabelecemos como nosso contexto de relação um desfile militar, realizado no estado de Pernambuco, e acessado através de uma matéria jornalística e vídeo documental, e que “viralizou” na Internet. Sobre esse fato, duas reportagens webjornalísticas, com vídeos caseiros, deram-nos outro corpus para essa investigação, atentos à repercussão de comentários das mesmas: *Banda de fanfarra vira hit na internet após coreografar música de Beyoncé e 'Divas são tradição', diz coreógrafo de fanfarra que dançou Beyoncé em PE.*

Ambas falam sobre a coreografia de uma banda de fanfarra de Agrestina, no interior de Pernambuco, durante desfile de 7 de setembro. Nela o coreógrafo utilizou de movimentos de uma música pop com uma coreografia militar, utiliza o hit *Crazy in love*, da cantora norte-americana Beyoncé, na estruturação dos elementos “baliza” e “corpo coreográfico”, o que evidenciou discursos nos comentários, ora atitude inovadora, ora desrespeito patriótico.

Desconfiamos desse tipo de manifestação mobilizada como fazer artístico, porque, na maioria das vezes, acontecem em situações competitivas (concursos) ou por motivos militares (desfiles cívicos). São situações culturais justificadas pelo intercâmbio discente, contudo, poucas oportunidades oferecem no contato com abordagens coreográficas que não sejam pelo adestramento dos corpos e pelos deslocamentos em filas lineares. A ideologia militar e patriótica “coreografa” os corpos argumentando que *toda coreografia é social* (KATZ, 2009).

A proposta de pensar as Bandas de Fanfarra como “Danças de Fanfarra” é nossa leitura crítica, contraargumentando a normatização dos corpos no viés militarizado e competitivo. Pois, ao enfatizarmos o termo “dança” no nomear dessa manifestação, agimos politicamente, mudamos seu modo de enunciação, o jeito como a Dança é posta no mundo e como esta relação pode estabelecer outras leituras sobre o corpo que dança.

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

OBJETIVOS:

Objetivo Geral: Elaborar uma leitura crítica *coimplicada* e *indisciplinar* sobre a importância comunicacional da Dança no contexto competitivo/militar da dança nas Bandas de Fanfarras.

Objetivos Específicos:

- Entender a presença da Dança no contexto urbano das Bandas de Fanfarras, a partir de reportagens webjornalísticas e vídeos caseiros;
- Propor outro entendimento de corpo que dança para redimensionar o caráter militar dos elementos “baliza” e “corpo coreográfico”;
- Problematizar as Bandas de Fanfarras no contexto massificado contemporâneo como “Danças de Fanfarra”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

A mudança discente nos fez redimensionar os objetivos desta pesquisa, aproximando os procedimentos metodológicos dos interesses da atual aluna-orientanda para a relação entre Dança e Comunicação Midiática, mantendo a relação com o fazer do *pesquisador-artífice* (ARRAIS, 2013a). Já no início da investigação, matérias jornalísticas sobre as Bandas de Fanfarras se mostraram pertinentes e atualizaram a relevância contemporânea do objeto de análise. A utilização da internet como ferramenta auxiliar de pesquisa oportunizou o contato com matérias jornalísticas online relacionadas à Dança e aos corpos que dançam nas manifestações culturais das Fanfarras, objeto desta pesquisa.

Especificamente, duas reportagens webjornalísticas, acompanhadas de vídeos, nos deram um outro corpus discursivo para essa investigação, atentos à repercussão de comentários das mesmas: *Banda de fanfarra vira hit na internet após coreografar música de Beyoncé e 'Divas são tradição', diz coreógrafo de fanfarra que dançou Beyoncé em PE.*

A perspectiva de investigação da Dança como área de conhecimento e arte do corpo, e não como mera estilo desportivo, mostra a importância de redimensionar como lidamos com o corpo que dança, em sua complexidade epistemológica, articulando o científico e o artístico, em suas especificidades. Ao nos aproximar do objeto como relação, transformamos a investigação como uma possível estratégia de aprendizado do corpo que dança (TRIDAPALLI, 2008). Por conta disso, outros referenciais teóricos foram utilizados. Optamos por uma metodologia *indisciplinar* (GREINER, 2005), diante das limitações das perspectivas trans e interdisciplinares que lidam com o corpo como

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

instrumento ou mero suporte; e, ainda, trabalhamos em diálogo com a *Teoria Corpomídia* (KATZ & GREINER, 2005). Segundo elas, entendemos que é no/pelo corpo que se faz a materialidade da Dança, e não fora dele.

Assim, não faz sentido falar de essência no corpo, nem de corpo-invólucro, porque no corpo nada é fixo, tudo é processo de transformação, ajustes e acordos. Somos corpos e essa processualidade da investigação do corpo é que possibilita a dança ser uma construção de autonomia. Passamos a entender que não colocamos movimentos no corpo porque o corpo não é mero instrumento, nem mesmo uma caixa onde apenas colocamos coisas. São as trocas de informações com o ambiente relacional (expandindo para a cultura o que comumente entendemos como apenas meio ambiente biológico), que faz do corpo um local que sempre está se adequando/transformando, a partir das informações com as quais entra em contato.

RESULTADOS E CONCLUSÕES:

Concluimos que a presença da Dança nas Bandas de Fanfarra como “Danças de Fanfarra” é difusa e obscurecida. A partir do fato retratado nas matérias webjornalísticas, uma outra relação pode ser estabelecida sobre o corpo que se move e que se especializa como Dança nos elementos “baliza” e “corpo coreográfico”, mesmo que não explicitamente. Esse fato não muda o contexto, mas insere uma nova informação nele, abrindo espaço investigativo com a nossa leitura crítica para entendermos que os corpos que participam de uma fanfarra, quer seja no desfile ou na competição, merecem mais atenção e outro tratamento menos de adestramento motor. Com isso, estaremos atentos ao que pode vir a ser “danças de fanfarra”, que opere segundo lógicas da investigação compartilhada de corpo e movimento, e menos na lógica da competição e que desestabilize o sentido militarista que normatiza corpos.

BIBLIOGRAFIA

ARRAIS, Joubert de Albuquerque. Quando fazer é pensar e pesquisar: andanças epistemológicas. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança (PPGDança/UFBA)**. Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2013a. Disponível em <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/8301/6038>. Acessado em 06/07/2016.

ARRAIS, Joubert de Albuquerque (org). **Dança com a Crítica**. Fortaleza: Ed. Expressão Gráfica, 2013b.

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

KATZ, Helena. Toda coreografia é social: pensando a relação entre hip hop, mídia e comportamento. In: **Anais da V Reunião Científica da Abrace**. - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas. São Paulo: USP, 2009.

KATZ, Helena & GREINER, Christine. Por uma Teoria Corpomídia. In: GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

G1 Caruaru (Globo.com). **Banda de fanfarra vira hit na internet após coreografar música de Beyoncé**. Disponível em <http://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2015/09/banda-de-fanfarra-vira-hit-na-internet-apos-coreografar-musica-de-beyonce.html>). Acessado em 15/07/2016.

G1 Caruaru (Globo.com). **Divas são tradição', diz coreógrafo de fanfarra que dançou Beyoncé em PE**. Disponível em <http://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2015/09/divas-sao-tradicao-diz-coreografo-de-fanfarra-que-dancou-beyonce-em-pe.html>. Acessado em 15/07/2016.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

LIVRAMENTO, Victor. **Requisitos técnicos para julgamento do corpo coreográfico de bandas e fanfarras**. CEFID / UDESC. Florianópolis [s.n.], 2013

TRIDAPALLI, Gladis. De aproximações e possibilidades: a investigação como uma possível estratégia de aprendizado do corpo que dança. In: **Anais do VI Fórum de Pesquisa Científica em Arte**. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2008.